

ARTIGO DOSSIÊ

PATRIMÔNIO, CARNAVAL E ESPETÁCULO: OS MARACATUS-NAÇÃO NO BAIRRO DO RECIFE

HERITAGE, CARNIVAL AND ESPECTACLE: THE MARACATUS-NAÇÃO GROUPS IN THE RECIFE NEIGHBORHOOD

ISABEL CRISTINA MARTINS GUILLEN*

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir a intrínseca relação entre as manifestações performáticas da cultura popular e o processo de gentrificação do Bairro do Recife, tendo como ponto central as políticas públicas que envolveram o Carnaval, e em especial os maracatus-nação, no período de 1995 a 2015.

PALAVRAS-CHAVE: Bairro do Recife; patrimônio cultural; Carnaval; maracatus-nação.

ABSTRACT

This paper intent to discuss the relationship between the performative expression of popular culture and the gentrification process of Recife Neighborhood, taking as point of view the public policies that involved the Carnival and, in especial, the maracatus-nação groups in the period of 1995 to 2015.

KEYWORDS: Recife Neighborhood; cultural heritage; carnival; maracatus-nação.

Um bairro, muitas facetas

Domingo, 11 de janeiro de 2015, os jornais recifenses noticiaram em seus sites que o Bairro do Recife, carinhosamente chamado de Recife Antigo, tinha se transformado em um “palco de guerra” naquele entardecer. Notícias rápidas relataram que houve uma série de “arrastões” provocados por gangues ou “galeras” de grupos rivais, que teriam sido os responsáveis por brigas, e até tiros, em diversos pontos do bairro¹. O acontecimento teve repercussão nas redes sociais, nos comentários postados nos sites dos jornais, com pessoas questionando a respeito da participação da polícia como autora dos disparos, colocando ao mesmo tempo o evento em um contexto mais amplo, que se refere às transformações pelas quais o bairro vem passando desde a década de 1990.

No ano seguinte, em plena segunda-feira de Carnaval, notícias de tumultos, brigas e arrastões, durante os shows das bandas Nação Zumbi, J. Quest e O Rappa, em pleno Marco Zero, colocaram em discussão o formato do Carnaval e sua gestão pelos órgãos públicos municipais. Nos comentários dos leitores, nas redes sociais e nos sites do *Jornal do Commercio* e do *Diário de Pernambuco*, acusações diversas apontavam para uma má gestão do espaço durante o Carnaval, com falta de infraestrutura e planejamento que comportasse os shows de bandas que levaram para o bairro uma multidão de pessoas, maior do que a esperada. E o policiamento não teria dado conta...² Ou seria o modelo de Carnaval, pautado em grandes shows e espetáculos, também bastante contestado, que teria se esgotado?

Notícias como as acima citadas são bastante comuns quando se referem ao Recife Antigo. Uma rápida pesquisa nos jornais locais nos permite perceber que uma tensão social emerge das práticas de sociabilidade que ocorrem naquele espaço, notadamente nos finais de semana, momentos de lazer e consumo. No dia 12 de dezembro de 2014, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, veiculou uma reportagem sobre “brigas e consumo de drogas” no bairro, alertando que o mesmo estava “tomado” por traficantes e usuários, que se concentravam na Rua da Moeda, que recebia a cada fim de semana mais de quarenta mil pessoas em atividades de lazer e entretenimento. A reportagem alertava que, em 2011, veiculara notícia no mesmo teor e que, a despeito do aumento do policiamento ocorrido na época, agora o lugar vivia um clima de total insegurança, com brigas e arrastões constantes.³

Vários depoimentos de frequentadores aparecem nessas reportagens, a consolidar a imagem de insegurança. Um leitor do *Jornal do Commercio* comentou no dia 05 de janeiro de 2015:

A noite do dia 28 no Recife Antigo foi de puro terror. Mesmo com o policiamento na área e com revistas para entrar nas ruas, os malandros não ficaram intimidados. Várias pessoas foram atingidas com garrafadas e havia brigas por todos os lugares. [...] Quem esteve ali para curtir na paz ficou super decepcionado com a situação em que o ponto turístico mais famoso do Recife se encontra.⁴

As reportagens trazem vários relatos de pessoas que foram vítimas de assaltos pelas ruas, de comerciantes cansados com os constantes arrombamentos, bem como os vendedores ambulantes, que reclamam pelo fato dos clientes sumirem quando começa a anoitecer, nos dias de domingo. A resposta da Secretaria de Defesa Social, e da própria

Prefeitura da Cidade do Recife, não se fez esperar. Ainda em dezembro de 2014 a Secretaria de Mobilidade e Controle Urbano tinha iniciado um programa para cadastrar os guardadores de carro (os flanelinhas) objetivando “coibir práticas de extorsão e outras irregularidades cometidas” pelos mesmos. Concomitantemente, a Prefeitura e a Polícia Militar anunciavam novas medidas que objetivavam dar mais segurança às pessoas que frequentam o bairro nos finais de semana. Uma comissão formada por diversos representantes da prefeitura e da polícia militar, que objetivava propor soluções para o problema, anunciou que fariam o controle dos pedestres que se dirigirem ao local, a partir dos quatro pontos de acesso ao bairro (as pontes Giratória, Maurício de Nassau, Buarque de Macedo e Limoeiro), fazendo a revista dos “suspeitos” ou “mal-intencionados” e utilizando inclusive detectores de metal em busca de armas.⁵ É obvio que o debate nas redes sociais não se fez esperar: como pode a prefeitura e a polícia militar propor como solução o controle sobre o acesso ao bairro, discriminando quem pode ou não frequentá-lo? Por que apenas os pedestres, que adentravam aos bairros pelas pontes, seriam revistados? Não era evidente que havia por parte da polícia uma atitude discriminatória?

O objetivo anunciado pelos poderes públicos, logo no início do mês de janeiro de 2015, era o de transformar o bairro num local destinado exclusivamente ao lazer nos domingos, controlando o acesso, inclusive de automóveis, tornando-o exclusivo para pedestres. Alguns dos poucos moradores do bairro (cerca de 600, quase todos concentrados na favela do Pilar) não hesitaram em reclamar dessas medidas. O arquiteto Marcos

Simões, que mora no bairro há mais de 10 anos afirmou: “o bairro foi transformado num parque de diversões [...]”⁶.

A prefeitura já tinha anunciado, em janeiro de 2015, a formação de um grupo de trabalho, composto por representantes do poder público, comerciantes e empresários para discutirem propostas que visavam melhorar a segurança e a infraestrutura para o bairro, a serem implementadas após o Carnaval, “com o intuito de consolidar o lugar como espaço de lazer”⁷.

Medidas como as anunciadas não constituem novidades quando se pensa a história do Bairro do Recife nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 1990, momento em que se iniciou um processo de “revitalização” do bairro e que pode ser compreendido como um processo de gentrificação. Ou seja, há décadas o bairro vem sendo objeto de discussões e políticas públicas que visam dar suporte a uma série de atividades no local, transformando-o num ponto turístico, de lazer e entretenimento. Questões estas que estão intrinsecamente relacionadas com o reconhecimento do bairro como patrimônio cultural do Brasil, com o Carnaval enquanto o maior de todos os espetáculos que lá ocorre, e com as formas de expressão da cultura imaterial que encontram nessa confluência espaço para suas performances e afirmação de identidades.

Como é o bairro, hoje? Que equipamentos ele dispõe que nos apontem os esforços despendidos pelos órgãos públicos visando à sua requalificação? Paradoxalmente, considerando a tensão social expressa acima, o bairro tem sido objeto de investimento financeiro, público e particular, nestes últimos anos, para se consolidar aquele espaço como lugar de lazer e divertimento. Todos os domingos, ciclo faixas convergem

para o bairro, oriundas de diversos pontos da cidade.⁸ No início de 2015 foram inaugurados os armazéns que abrigam um pólo gastronômico, parte do Complexo Turístico Portuário Governador Eduardo Campos, que recebeu investimentos na ordem de 250 milhões de reais.⁹ O bairro também tem recebido diversas empresas, a exemplo do Porto Digital, instalada no início dos anos 2000.¹⁰

No ano de 2014 dois grandes museus sediados no bairro foram inaugurados. O primeiro deles, o Museu Paço do Frevo, é um espaço dedicado a uma das mais importantes formas de expressão do estado, considerada primordial para a definição da identidade regional, a “pernambucanidade”. Reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, em 2012, o frevo é uma manifestação cultural performática, envolvendo dança e música e que ocorre principalmente no Carnaval. O Paço do Frevo foi pensado como uma ação dentro do plano de salvaguarda do bem cultural, visando sua sustentabilidade, e nesse sentido preocupa-se com a difusão do frevo, documentação e aprendizado. No espaço cultural o visitante encontra exposições fotográficas, biblioteca, vídeos, exposições temporárias dedicadas a aspectos variados sobre o tema, dentre outras atividades que buscam provocar a “imersão sensorial no rico universo desta tradição pernambucana”. No dia da inauguração em especial, e durante todos os finais de semana, há apresentações regulares de orquestras e passistas de frevo, apresentações musicais e “arrastões culturais” promovidos por agremiações carnavalescas nas ruas próximas ao museu.¹¹

Nesse mesmo período foi inaugurado o Museu Cais do Sertão, montado para que os visitantes possam acompanhar a vida e obra do

cantor Luiz Gonzaga, e da cultura sertaneja. Há amostras de vídeos, fotografias e objetos, que têm como tema a “vida no sertão”, bem como a história do cordel e dos falares da região. No final do ano de 2014, para comemorar o aniversário do Rei do Baião, por vários finais de semana houve cortejos pelas ruas do bairro de manifestações da cultura popular local, como bonecos gigantes, freviocas, maracatus, cavalo marinho, boi e reisado, além de shows de sanfoneiros e cirandeiros.¹²

Nas proximidades do Cais do Sertão, ao lado do Marco Zero, um dos antigos armazéns do porto foi reformado e transformado em um centro de exposição do artesanato local, e o visitante pode encontrar para compra uma amostra importante da diversidade de objetos produzido no Estado. No outro lado da praça, outros armazéns também foram reformados para abrigar bares e restaurantes. Há também centros culturais mantidos pelos Correios e pela Caixa Econômica Federal, com exposições que movimentam o bairro e proporcionam aos visitantes atividades diversas de lazer.¹³ Aos domingos, na Rua do Bom Jesus, há uma feira de artesanato e são montadas diversas barracas com comidas típicas da região, como tapiocas, bolos e acarajés. Na Praça do Arsenal também se encontram barracas de artesanato e não é raro que o visitante possa assistir a apresentações musicais de grupos da cultura popular patrocinadas pela Prefeitura.

Encontram-se na Rua da Moeda vários bares, e na rua propriamente ocorrem shows musicais diversos, tais como grupos percussivos de maracatus, grupos de samba e afoxés. Nos arredores, o antigo prédio da Alfândega foi reformado e transformado em um shopping center (Paço Alfândega, inaugurado em 2003) e foi construído

um novo prédio que abriga a livraria Cultura (inaugurada em 2004), bem como um edifício garagem. A construção deste edifício causou polêmica na cidade, indagando-se sobre sua legitimidade. Argumentou-se que tal edifício provocava uma “descaracterização do patrimônio histórico e arquitetônico”, resultado de um plano de revitalização desordenado no que se referia à “conservação da autenticidade do patrimônio histórico”¹⁴. Polêmica que sinaliza também que não há plena concordância dos recifenses com os rumos e configurações pelas quais o bairro vem passando, desde meados da década de 1990.

Aos domingos, dentro do programa que a prefeitura chamou de *Recife Antigo de Coração*, o bairro tem circulação de automóveis restrita a algumas ruas, enquanto que outras são voltadas a pedestres que podem se dedicar a diversos programas, como basquete de rua ou patins, exposição de carros antigos, ciclo faixas, recreação e teatro infantil, teatro de rua, grupos de dança, apresentações de grupos musicais, como os grupos percussivos de maracatu.

Não há como não conectar estes planos de revitalização do bairro com as transformações mais amplas pelas quais o Recife vem passando na última década, e que se referem à sua crescente verticalização e especulação imobiliária, envolvendo principalmente a zona sul da cidade, no entorno da praia de Boa Viagem. No Bairro do Pina foram construídos um grande shopping Center (Shopping Rio Mar) e uma via expressa que interliga o centro da cidade com Boa Viagem e outros bairros (Via Mangue). Do outro lado do Rio, o projeto Novo Recife, constituído por um conglomerado de grandes construtoras, previa (e ainda prevê) a construção de diversos grandes edifícios (torres) no Cais José Estelita.

Uma tentativa de demolição dos armazéns do cais, para dar início à construção, gerou um grande protesto por parte dos movimentos sociais que discutem as formas de ocupação da cidade, como o grupo Direitos Urbanos, levou à ocupação do lugar e à formação do Ocupe Estelita.

A despeito da intensa discussão em torno desses projetos, e fundamentalmente do modo como se pretende revitalizar a região no entorno (além do Cais José Estelita o projeto envolve transformações no Cabanga, Cais de Santa Rita e Bairro de São José), coloca-se em pauta também as transformações que vêm ocorrendo no Bairro do Recife. Para muitos comerciantes, o clima de insegurança poderia ser modificado se houvesse mais investimento em infraestrutura, tais como iluminação pública, saneamento, policiamento e coleta de lixo. E apresentações culturais, para que o bairro, considerado um dos cartões postais da cidade, se torne definitivamente esse centro turístico e de lazer. Em resumo, o bairro é visitado por milhares de pessoas nos finais de semana, e “o desafio do poder público e da iniciativa privada é tornar isso definitivo”, nas palavras de um empresário local.¹⁵

Desta primeira aproximação com o bairro (e voltaremos a discutir sua história com mais vagar um pouco mais adiante) ressalte-se a constante tensão social que perpassa a sociabilidade, as atividades de lazer e consumo que ocorrem no bairro, bem como as discordâncias quanto aos diversos projetos já elaborados sobre a revitalização do bairro, desde meados da década de 1990, durante o governo municipal de Jarbas Vasconcelos. O bairro está sempre sendo redefinido, e passou por momentos de grande efervescência cultural, mas também por períodos de declínio e quase abandono.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a presença das manifestações da cultura popular como um importante componente para que os visitantes encontrem atividades de lazer e entretenimento. A cultura popular em Pernambuco é reconhecidamente diversa e rica em múltiplas expressões, especialmente as performáticas (e que agregam manifestações musicais). No Carnaval, parte significativa das formas de expressão encontrou historicamente espaço para atuar. Neste momento do ano encontramos diferentes tipos de blocos de frevo, maracatu-nação, maracatu rural, caboclinho, boi, afoxés, escolas de samba. Durante as festas juninas há as quadrilhas, e os grupos de coco. No período natalino o cavalo marinho e os pastoris fazem a festa. E ao longo de todo ano esses grupos disputam o mercado das apresentações culturais.

A prefeitura da Cidade do Recife tem pago a diversos desses grupos para que se apresentem no bairro, ou seja, ofereçam aos visitantes espetáculos culturais. Mas os “populares” têm a cada dia a sua circulação pelo bairro restringida, como vimos nas notícias. Poderemos melhor compreender esse paradoxo se analisarmos a história recente dos programas de “revitalização” do bairro, e a participação dessas manifestações da cultura popular na afirmação do espaço como local de turismo e lazer, e de consumo, seja cultural, seja do patrimônio material e imaterial. Uma intrínseca relação entre espetacularização e transformação de manifestações culturais em mercadoria para consumo.¹⁶

Antes de iniciarmos essa discussão é necessário firmar uma posição a respeito da intensa discussão teórica que envolve o conceito de “cultura popular”. Não há aqui espaço para delinear-mos esse rico debate historiográfico, mas é importante salientarmos que essa cultura popular,

feita via de regra por pessoas pobres, em sua grande maioria negras, vivendo nos morros e alagados da região metropolitana, em situação bastante precária, é extremamente dinâmica.¹⁷ Não tomamos aqui o popular como uma tradição que imobiliza seus agentes, nem “é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica para com as tradições”, como afirma Néstor Garcia Canclini.¹⁸ Importa que o conceito é aqui usado por delimitar quem faz, os modos como é feita e os sentidos com que é vivida pelos “populares”. Mas em Pernambuco, esses grupos têm se relacionado com o mercado cultural por décadas. Não me parece que nos encontramos diante de pessoas ou grupos que estão sendo unicamente vítimas de um crescente processo de expropriação cultural, e canibalizados pelo mercado, como afirma Carvalho.¹⁹ Que se trata de uma relação desigual, e em certo sentido subalterna, não há dúvidas. Que os populares sabem criar situações que obriga os poderes públicos a negociar, a favorecê-los, também não.²⁰ Assim como não resta dúvidas que a tradição figura num lugar especial nesse debate que envolve o patrimônio cultural, Carnaval, identidade e cultura popular.²¹

Carnaval, identidade e cultura popular no Recife

Há décadas, de diferentes modos, o Carnaval e a cultura popular que se apresenta neste período têm sido considerados como definidores de uma identidade pernambucana, destacando-se o frevo, por seu caráter “mestiço” (não esquecer que, afinal, Recife é a cidade de Gilberto Freyre), e o maracatu-nação, que é tido como uma legítima manifestação cultural negra, oriunda dos antigos africanos escravizados. Esta festa é composta

majoritariamente por agremiações carnavalescas de diferentes tipos que se apresentam nas ruas da cidade, no centro e nos bairros, e é acima de tudo uma festa popular, em toda sua polifonia. Por décadas os poderes públicos buscam ordenar essas manifestações populares, tentando impor regras e normatizar as práticas carnavalescas. Os maracatus-nação, em sua longa história, vêm se adequando a essas regras, sem deixar de contestá-las quando lhes pareceu necessário, bem como usar de táticas para subsistir em alguns contextos bastante adversos.²²

Para os que não o conhecem, o maracatu-nação é uma forma de expressão performática, em que música, dança, fantasias e adereços se conjugam para representar uma corte real.²³ Apresentando-se ritualmente em um desfile, rei e rainha são circundados por um séquito de nobres, e acompanhados por um grupo percussivo que anuncia a presença do casal real. Abrindo o desfile, um estandarte e as calungas (bonecas que são consideradas entidades espirituais) conduzidas pelas damas do paço, anunciam a presença da corte real, composta por baianas e casais da “nobreza” ricamente vestidos. Este séquito é secundado pelo rei e rainha da nação, trajando ricas fantasias, ornados com coroa, espada e cetro, e recobertos por um grande guarda-sol (pálio). Ao final do cortejo encontra-se o conjunto musical, composto por instrumentos de percussão: grandes tambores conhecidos como alfaias, caixas de guerra, gonguê, mineiro ou abê. Este conjunto percussivo, conhecido como batuque, consegue se fazer ouvir a distâncias razoáveis, e é impossível não se perceber que um maracatu-nação está se aproximando.²⁴

Originários no século XIX, das festas de coroação de reis e rainhas Congo e das procissões organizadas pelas irmandades de Nossa Senhora

dos Homens Pretos, bem como dos batuques que negros e negras organizavam pelas ruas da cidade, os maracatus-nação foram representados na imprensa recifense como coisas de “negros desocupados e boçais”, pretextos para brigas e arruaças, e com relativa frequência encontram-se notícias nos jornais de reclamações do barulho que provocavam. Essas notícias conclamavam a polícia para que tomasse providências contra essas práticas consideradas bárbaras e incivilizadas. Afinal, o Recife civilizava-se. E os maracatus foram buscar na festa de momo o momento em que, quisessem ou não as autoridades, tinham licença para sair com seu “brinquedo” pelas ruas, fazendo zoadas: era Carnaval!²⁵

No início do século XX existiam poucos grupos atuantes, e como muitos folcloristas, cronistas e memorialistas enfatizaram, os maracatus pareciam destinados a desaparecer. Seja porque os antigos africanos estavam também desaparecendo, seja porque já se associava aos maracatus imagens muito negativas, como uma manifestação nostálgica e indolente, que rememorava a África, os sofrimentos na senzala, e coisas do tipo, que aparecem com frequência nos romances, contos e notícias jornalísticas.²⁶

Se por quase um século os maracatus-nação foram considerados uma tradição africana prestes a desaparecer, - e efetivamente há décadas atrás existiam alguns poucos grupos que resistiam à predição -, durante a década de 1990 assistimos a uma reversão desse quadro. Muitos intelectuais atribuem o sucesso que os maracatus-nação alcançaram na cena cultural pernambucana e brasileira ao movimento manguêbeat, com Chico Science e Nação Zumbi divulgando a batida do maracatu mundo afora. Contudo, não podemos deixar de considerar que,

concomitantemente, também os movimentos negros neles investiram como definidores de uma identidade negra em Pernambuco.²⁷

Em meio a esse complexo contexto de espetacularização da cultura popular em Pernambuco, em que global e local se expressam musicalmente em inúmeras bandas, assistimos a uma crescente valorização dos maracatus-nação, que resulta no reconhecimento do bem como patrimônio cultural do Brasil em 2014. O Inventário Nacional de Referências Culturais dos Maracatus-Nação identificou a existência de mais de 20 grupos, atuantes nos anos de 2011 e 2012. E pode-se afirmar que pelo menos metade desses grupos são novos, ou seja, foram fundados ou recriados entre as décadas de 1990-2000. Se antes os maracatus eram considerados coisas de velhos, hoje a juventude se engaja nos grupos de suas comunidades, constituídos majoritariamente por pessoas jovens. Igualmente pode-se afirmar que até esses anos os maracatus-nação eram formados quase que exclusivamente por negros e negras, pertencentes a terreiros religiosos do xangô ou candomblé, umbanda e jurema, moradores dos mocambos, palafitas e favelas.

A nova conjuntura que se conforma nos anos 1990, na cena cultural pernambucana, teria proporcionado interesse e criado legitimidade para que jovens da classe média procurassem os maracatus-nação para tocar no conjunto percussivo, ou batuque. Nesse sentido, surgem diversos grupos musicais que são formados, via de regra, por jovens de classe média e que gostam de tocar a música, ou seja, tocam maracatu. Foram denominados como grupos percussivos, para os diferenciar dos maracatus tradicionais, e eles se espalharam por todo o Brasil e pelo mundo, existindo grupos percussivos na França, diversas

idades da Alemanha, Londres, Tóquio, Moscou, New York e outros lugares, que tocam maracatu. Mas esses grupos não se denominam uma nação de maracatu. As nações estão circunscritas à região metropolitana do Recife, e existe hoje, como já afirmei, mais de vinte delas, que nos carnavais recebem visitantes de todo o mundo para tocarem juntos, para participar das performances ou apresentações dos maracatus-nação. Alguns grupos inseriram-se gradativamente num circuito mundial de *world music*; seus mestres, reis e rainhas viajam com frequência em excursões a outros estados do Brasil, e outros países, para ministrarem oficinas, darem palestras ou mesmo participarem de performances com os grupos percussivos que os convidam. Nestes últimos vinte e cinco anos o processo de espetacularização dos maracatus-nação se consolidou para os grupos, de tal modo que para alguns deles trata-se de um negócio, que tem seu epicentro cultural no Carnaval, mas que movimenta o grupo todo o ano. Mas ainda existem grupos que resistem à lógica da espetacularização, ou não conseguem se adequar às novas exigências do mercado cultural.²⁸ O que não significa que o maracatu pode ser reduzido a um negócio, pois proporcionam aos grupos e seus dirigentes (mestres e rainhas) visibilidade para além de suas comunidades e legitimidade entre as mesmas e seus pares, além de ser uma prática cultural primordial na definição das identidades, vividas em sua pluralidade de sentidos.

Esta conjuntura contemporânea não nos permite supor que os maracatus-nação não estivessem imersos na lógica do espetáculo no passado. Apresentar-se para um público espectador, participar de concursos e disputas são elementos constitutivos da história dos maracatus-nação desde o início da década de 1940, com a criação da

Federação Carnavalesca e o Concurso das Agremiações Carnavalescas. Durante as décadas de 1960 a 1990 foram as escolas de samba que mais atraíram público e atenção nos concursos, quadro este que se reverte nos anos 1990 com o gradativo sucesso que os maracatus alcançaram na cena cultural local.²⁹ Ganhar o concurso é o ideal de quase todos os grupos, e as disputas entre os mesmos são acirradíssimas. Afinal, hoje o concurso garante a necessária visibilidade e legitimidade para os grupos que se inserem no mercado das apresentações culturais. Afinal, são elas que garantem a subsistência financeira do grupo, pois apesar de receberem subsídios governamentais para se apresentarem no Carnaval, esta subvenção não é suficiente para colocar o maracatu “na rua” com todo o brilho e glamour necessário para derrotar os concorrentes no concurso.

Durante todo o ano, poucos são os grupos que conseguem ser contratados para se apresentar em festivais e shows. A disputa pelas apresentações, que proporcionam aos grupos recursos financeiros para se manterem, visibilidade e reconhecimento social, tem incrementado a rivalidade entre os grupos, a despeito do trabalho que vem sendo desenvolvido pela Associação dos Maracatus Nação (AMANPE) para que se estabeleça uma relativa equidade entre os grupos, o que não se pode afirmar que tenham conseguido.

Estas apresentações, durante o Carnaval, ocorrem em diversos locais, mas as que mais atraem a atenção são: o Desfile das Agremiações Carnavalescas, em que os maracatus competem entre si, como nos desfiles das escolas de samba; a Noite dos Tambores Silenciosos, cerimônia que ocorre na segunda-feira de Carnaval no Pátio de Terço, desde meados dos anos 1960, e que possui hoje um forte caráter religioso, de celebração aos

ancestrais e aos *eguns* (espíritos dos mortos); e finalmente o show de Abertura do Carnaval, que ocorre na sexta-feira, no Marco Zero, e que dá início ao Carnaval propriamente dito. Este show congrega diversas apresentações de grupos de cultura popular, artistas nacionais, e um grande espetáculo dos principais grupos de maracatus-nação numa performance conduzida pelo renomado músico e percussionista Naná Vasconcelos. No Carnaval de 2017, após a morte de Naná, ocorrida em março de 2016, maracatuzeiros e seus mestres conduziram o espetáculo coletivamente, não sem antes haver grande discussão sobre qual seria o formato da Abertura e se os maracatus permaneceriam no show ou não.³⁰

Este grande espetáculo, que abre oficialmente as festividades carnavalescas, ocorre no Marco Zero, praça central do Recife Antigo, a despeito de ter sido o bairro quase que inteiramente demolido nos anos de 1910 a 1915.³¹ Nessa reforma, que alarga ruas e forma as grandes avenidas que conduzem à praça e ao porto, o velho Recife construído pelos holandeses e portugueses, o Recife dos sobrados, aquele que deu origem à cidade, praticamente desapareceu. E o bairro foi reconstruído em um estilo eclético, bem à moda francesa vigente no Brasil daquele período, seguindo o princípio higienizador de Haussmann, adequando o bairro aos fluxos portuários e comerciais mais “modernos”³².

Contudo, muito rapidamente o bairro entrou em decadência, seja porque outras reformas urbanas deslocaram o centro comercial e de serviços governamentais para o Bairro de Santo Antônio, seja devido ao declínio econômico do porto do Recife. Gradativamente, durante as décadas de 1970 e 1980, a pátina do tempo recobriu os grandes edifícios construídos no início do século, e o bairro assumiu novas feições e usos.

Os prédios que antes abrigavam escritórios comerciais foram transformados em pensões, freqüentada por marinheiros, prostitutas e trabalhadores portuários. Em seus bares e restaurantes encontravam-se os boêmios da cidade.³³ Se durante o dia pelo bairro transitavam trabalhadores do porto ou comerciários e funcionários de escritórios, à noite o bairro era considerado muito perigoso, centro de prostituição e local preferido em que os menores de rua buscavam abrigo para passar a noite.³⁴ Nesse contexto, no final dos anos oitenta e começo dos anos noventa do século passado dá-se início a um intenso debate sobre a necessidade de uma intervenção urbana que “resgatasse” o velho bairro, “revitalizando-o”, num processo de gentrificação no qual o Carnaval e a cultura popular vão exercer papel fundamental para a sua requalificação. É nesse contexto que as políticas públicas para o bairro se encontrarão com os maracatus-nação que alcançavam relativo sucesso.

Enobrecimento do bairro – patrimônio e espetacularização

O plano de “revitalização” do Bairro do Recife emerge em meados da década de 1990, em meio a discussões internacionais sobre a gentrificação de espaços urbanos que visavam adequar as cidades às demandas e aos fluxos de turismo, lazer e consumo, em complexos processos de reapropriação cultural das imagens das cidades, bem como na recriação de sentidos e usos de sua carga simbólica e patrimonial.³⁵ Na esteira de David Lowenthal, não seria primeira vez que o patrimônio cultural era usado no processo de produção de uma memória e de uma identidade cultural. Na esteira de Lowenthal e de Hartog, podemos

afirmar que, num momento em que passado e futuro se estreitam, o patrimônio parece nos consolar com a tradição.³⁶

O plano que envolveu o enobrecimento do bairro foi tido como um ponto de partida de um processo mais amplo de recuperação da imagem da cidade e de sua requalificação turística. Objetivava-se tornar o Bairro do Recife um pólo de serviços modernos, cultura e lazer, um espaço de “diversão”, propiciando a concentração de pessoas nas áreas públicas, criando um espetáculo urbano, transformando-o em um centro de atração turística nacional e internacional. A tal “revitalização” deixava expresso que se objetivava transformar os espaços públicos, através de investimentos públicos e privados, em um empreendimento econômico, um segmento do mercado bastante interessante para atrair capitais e gerar novos negócios, inclusive imobiliários.³⁷

Ao final, esperava-se que a construção de uma nova imagem da cidade, resultado da valorização e novos usos econômicos do patrimônio cultural e da espetacularização do bairro, fosse capaz de reativar os fluxos de investimentos para a economia local.³⁸ A história recente do bairro, portanto, não difere muito do que vem ocorrendo em outros centros urbanos no Brasil e no mundo que, ao fim e ao cabo, visam requalificar a paisagem urbana, transformando os degradados sítios históricos, valorizados simbolicamente e resguardados como patrimônio, em áreas de entretenimento urbano e consumo cultural.³⁹

Integrando o plano de requalificação do bairro, parte de seu casario, no entorno da Rua do Bom Jesus, passou por um processo de reforma que transformou o lugar em um agitado ponto de encontro, e a rua em um verdadeiro *boulevard*. Esta rua é uma das poucas existentes no

bairro a preservar a arquitetura do século XVII, e em um de seus sobrados se encontra a Sinagoga, a primeira construída nas Américas. Como incentivo a que o público consumidor fosse ao bairro, a prefeitura passou a promover uma intensa programação cultural, com shows, apresentações de grupos de manifestações diversas da cultura popular, como maracatus-nação e blocos de frevo. Durante todo o ano, essas atividades contribuíam para a continuidade da animação e manutenção de atividades de lazer e entretenimento, e a integração do bairro à agenda cultural da cidade. A Praça Rio Branco, em 1999, também foi radicalmente reformada. De uma antiga e bucólica praça, com árvores e bancos para os transeuntes descansarem da caminhada pelo bairro, a reforma criou o Marco Zero, um amplo espaço vazio, capaz de abrigar em diversas épocas do ano um grande palco e multidões que para lá se dirigem a fim de assistir os espetáculos.

O reconhecimento do bairro como patrimônio cultural do Brasil, em 1998, foi fundamental para que essa estratégia se efetivasse. A principal justificativa apresentada referia-se ao fato de que o Bairro do Recife se configurava em exemplar da Paris de Haussmann no Brasil. Segundo Rogério Proença Leite, a reforma que modificou profundamente o bairro nas primeiras décadas do século XX, e que marcava a passagem do Recife Antigo (colonial) para o Novo Recife, teria transformado o bairro em um “arquivo vivo e único da superposição das várias temporalidades que dominam a história e a produção artística no Recife e no Brasil.”⁴⁰ Ainda segundo Leite, teria sido esta a primeira vez que um bairro em estilo eclético foi reconhecido como patrimônio nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), “a

despeito da discutível relevância arquitetônica do bairro para os cânones patrimoniais e preservacionistas brasileiros.”⁴¹

Além do reconhecimento do bairro como patrimônio material, houve um processo de retraditionalização do mesmo, através do investimento feito pelos poderes públicos nos folguedos da cultura popular. O Recife Antigo tornava-se, desse modo, um dos mais importantes patrimônios imateriais ou intangíveis da cidade.⁴² O bairro gradativamente se transformava num espetáculo urbano, “transformado em festa permanente, numa imbricada relação entre consumo e entretenimento, cultura e mercadoria.”⁴³

O estatuto de patrimônio cultural pareceu investir o bairro de uma aura redentora, capaz de reconstruir a imagem da cidade, buscando suplantar um suposto incontornável processo de declínio urbano.⁴⁴ Por outro lado, o patrimônio arquitetônico é cada vez mais apresentado como “a expressão material de uma ideia pacífica de espaço público, construído com base em uma suposta ideia de passado comum e de tradições compartilhadas.”⁴⁵ Esse processo que reconheceu o bairro como patrimônio, contribuiu para certa naturalização e legitimação de discursos que visavam imprimir uma imagem do Recife Antigo como um local de participação cívica, sugerindo que a revitalização do mesmo se inseria num processo de criação de uma cidade cidadã.⁴⁶

Nesse sentido, indubitavelmente, foi o Carnaval o grande responsável por uma nova imagem do bairro, por sua transformação no Recife Antigo, cartão postal da cidade e espaço público considerado patrimônio cultural pelos recifenses. Não se pode deixar de considerar que o forte vínculo identitário de segmentos sociais com o bairro, não tenha

sido pensado de antemão, levando-se em consideração o enorme valor simbólico que o Carnaval detém entre os pernambucanos. Ao longo dos dias de folia, os desfiles das agremiações carnavalescas por diversas ruas do bairro, tais como blocos de frevo, maracatus, troças e caboclinhos, tornaram-se espetáculos que davam o tom cultural do bairro, desde meados da década de 1990. Ao mesmo tempo, o Carnaval, por seu caráter “popular”, ou assim naturalizado, contribuía para que a exclusão social quase que inerente ao projeto de revitalização, não ficasse tão evidente.

Por outro lado, não se pode deixar de considerar que o Carnaval é também o espaço por excelência da irreverência e da crítica, sobre a qual os poderes públicos não conseguem exercer pleno controle. Há sempre quem se aproveite do Carnaval para, com amigos, elaborar fantasias espirituosas, cartazes críticos, ou mesmo criar uma troça para provocar a discussão sobre o processo de verticalização que ocorre na cidade, a exemplo da “Troça Carnavalesca Empatando tua Vista”, que desde 2014 tem aparecido no Carnaval, constituída de jovens integrantes do Bloco Direitos Urbanos, vestindo enormes edifícios ou prédios. É impossível não os ver, mesmo em meio à multidão de foliões que ocorre aos diversos polos carnavalescos.⁴⁷

Cultura popular e espetacularização na revitalização do bairro – o Carnaval

O Carnaval em Pernambuco, especificamente em Recife e Olinda, possui uma intrincada história de estratégias dos poderes públicos que visavam controlar as manifestações da cultura popular, táticas e trampolinagens que permitiram a esses populares traçar percursos e

itinerários diversos pelas leis e regulamentos, reconstruindo constantemente o Carnaval como a manifestação por excelência na qual o pernambucano se identifica.⁴⁸ Sendo, portanto, uma das festividades mais importantes para a definição de uma pernambucanidade, a festa de Momo sofreu ao longo do século XX muitas e complexas transformações. Há períodos em que o frevo está em alta, outros em que predominam as escolas de samba; momentos em que o Carnaval de rua é celebrado, outros em que os grandes bailes e carnavais patrocinados pelos clubes se sobressaem. Em meio a uma enorme diversidade de manifestações culturais que se apresentam no Carnaval, é importante salientar, os usos da cidade nesse período denotam muitos conflitos e tensões sociais e culturais.

Desde a década de 1930, com a criação da Federação Carnavalesca, buscava-se normatizar o Carnaval, instituir regras de conduta e percursos pelas ruas da cidade que guiarium ordeiramente os cidadãos por um espaço urbano controlado. Mas os foliões burlavam as regras – afinal não é no Carnaval que se pode promover a inversão da ordem? – extrapolavam os espaços regulamentados. Ora sobem e descem ladeiras em Olinda, ora desfilam pelo Bairro de São José, ou pequenos pólos nos bairros. Há agremiações que concorrem entre si por prêmios oferecidos pela Federação e pelos órgãos organizadores da festa de Momo, no concurso das agremiações. Uma passarela foi construída no centro da cidade, na sua principal avenida, e por lá passavam todos os tipos de grupos que brincavam no Carnaval. O desfile na passarela foi, por muitos anos, considerado o ponto alto da festa, para o qual grande

número de foliões ocorria. Assim, durante o Carnaval, a multidão tomava conta das ruas da cidade...

Mas... nunca no bairro do Recife, que não tinha até o início da década de 1990, uma tradição carnavalesca. Juntamente com a requalificação da Rua do Bom Jesus, em meados da década de noventa, a prefeitura municipal estrategicamente buscará legitimidade para o projeto de revitalização. Para tal, especialmente durante o período momesco, construiu pequenos palanques e contribuiu financeiramente para que as agremiações carnavalescas desfilassem pelo bairro. Gradativamente o Carnaval no Recife Antigo atraiu público em busca das mais “puras tradições” culturais pernambucanas. Desse modo, aliava-se ao patrimônio histórico e arquitetônico do bairro, a tradição da cultura popular. O projeto de revitalização do bairro, ao juntar o patrimônio edificado às expressões intangíveis do patrimônio cultural parecia configurar uma “tentativa de realocização e afirmação de uma tradição, através da qual se buscava reinventar a centralidade de um espaço da cidade”⁴⁹.

Não demorou muitos anos para que o Carnaval no Bairro do Recife desbancasse a supremacia de Olinda e da passarela, já então pouco freqüentada pelo público. A Rua do Bom Jesus se tornou uma passarela, e estar no Bairro do Recife, sentado em algum dos muitos bares, apreciando as agremiações que passavam pela rua e proporcionavam o necessário espetáculo e divertimento, era estar sob os holofotes que qualificavam os consumidores em cidadãos culturalmente diferenciados.⁵⁰ Além de se qualificar socialmente, ao ser visto, o folião que ia para o Bairro do Recife podia consumir toda a diversidade cultural, sem ter que percorrer áreas da cidade que usualmente não transitava, áreas consideradas “marginais” para

os socialmente bem aceitos, já que essas manifestações da cultura popular eram, e continuam a ser feitas por pessoas que moram nos morros e alagados da cidade, em mocambos e palafitas. No Bairro do Recife, a cultura popular chegava até o folião higienizada e pronta para ser consumida. O que não significava naturalmente que se tinha controle sobre todas as trampolinagens possíveis quando se juntavam tantos “populares” num mesmo espaço. Sempre se podia deparar com algum membro das agremiações populares que insistia em percorrer o bairro recolhendo as latinhas de cerveja e refrigerantes para posterior venda nas cooperativas de reciclagem. Ou vendedores ambulantes e garotos que pediam esmolas e que insistiam em burlar os seguranças dos bares que lá estavam para que impedissem que chegassem aos frequentadores.⁵¹

Se nos governos dos prefeitos Jarbas Vasconcelos (1993-1996) e Roberto Magalhães (1997-2000) houve bastante investimento para o incremento do Carnaval no Bairro do Recife, era em Boa Viagem que se concentravam as maiores atrações, e público, para brincar principalmente com os trios elétricos. Não sem provocar debates sobre a festa que perturbava os moradores da orla de Boa Viagem, um dos locais mais “nobres” e caros da cidade. A gradativa transferência do epicentro da festa para o Bairro do Recife atendia a diversos interesses.

No início deste século, quando a Prefeitura da Cidade do Recife foi assumida pelo governo petista de João Paulo (2001 a 2008), a Secretaria de Cultura, sob a direção de Roberto Peixe, propôs reformulações para a festa, pensada como um momento em que a diversidade cultural do Estado pudesse proporcionar grandes espetáculos, contribuindo para transformar a festa em um grande negócio, cujo

objetivo era atrair os turistas nacionais e internacionais para viver o Carnaval Multicultural, como assim foi denominado. O que não significa que os sujeitos responsáveis pela diversidade cultural não fossem também agentes culturais que pensaram estratégias para se inserir nesse mercado.⁵² Não se pode menosprezar o intenso debate ocorrido no Brasil, em termos de políticas públicas voltadas para o reconhecimento e valorização da diversidade cultural do país, seja em sua dimensão mediadora e cidadã, seja como oportunidade de inserção econômica de seus agentes.⁵³ Nesse debate, o Carnaval do Recife se apresentou então como uma festa plural, democrática e descentralizada, preparada para atender a demanda de diferentes públicos. Ao mesmo tempo assumia uma configuração cosmopolita, com um complexo circuito de eventos-espetáculos, que envolvem oportunidade de negócios e geração de renda.⁵⁴

Dividiu-se a cidade em vários pólos, cada um deles contemplando manifestações diferenciadas, para atingir públicos e gostos diversos. Do rock ao maracatu, passando pelo frevo ou hip hop, o Carnaval Multicultural objetivava contemplar todas as tribos. Que invariavelmente se reuniam no Bairro do Recife. No entanto, apesar de ter seu epicentro no Recife Antigo, o Carnaval foi descentralizado, ou seja, ocorria em diversos locais ao mesmo tempo, proporcionando aos foliões a oportunidade de ver muitos shows e apresentações nos bairros, ou nos pólos da cidade, que oferecem sempre muitas atrações. Como exemplo, podemos citar o Polo Afro, no Pátio do Terço, em que a cada dia do Carnaval distintas manifestações da cultura afro se apresentam, como maracatus, afoxés, blocos afro, reggae e hip hop.

Diferentemente da organização dos Carnavais do Rio de Janeiro e Salvador, em que os foliões precisam pagar para ver as escolas de samba desfilar ou participar dos blocos, no Recife todos os shows e apresentações são livres para o público em geral. Grátis. Por isso, como ressaltou inúmeras vezes a administração municipal, é considerado um Carnaval popular e democrático.

O governo de João da Costa (2009 a 2012), também do PT, manteve a mesma estrutura, expandindo-a. Após uma década no mesmo formato, em 2013, o Carnaval no Recife recebeu da prefeitura um investimento na ordem de 30 milhões de reais, e gerou um incremento econômico na ordem de mais de 600 milhões de reais. Neste ano, a capital recebeu mais de 700 mil visitantes, fazendo com que a taxa de ocupação hoteleira chegasse a 95%. Neste ano, o Carnaval Multicultural do Recife ofereceu aos foliões 18 pólos e 34 polinhos espalhados pelo centro e pelos bairros. Para animar a festa, cerca de 1,5 mil apresentações, de artistas locais e nacionais, foram oferecidas.⁵⁵

São informações que nos auxiliam a dimensionar a complexidade que envolve a organização do Carnaval e sua faceta econômica. Ao mesmo tempo, a dimensão simbólica da festa nunca deixou de ser ressaltada, não só por seu caráter popular e democrático, ao contemplar todos os gostos, mas por reafirmar uma identidade cultural pernambucana que passa também pela afirmação da cultura popular.

Logo no início da gestão de João Paulo, em 2001, foi criado o Núcleo de Cultura Afro-Brasileira, resultado de reivindicações e articulações políticas com os diversos movimentos negros, atuantes na cidade desde o final da década de 1970 e início dos anos 1980.⁵⁶

Inicialmente ligado ao departamento de Documentação e Formação Cultural, e posteriormente à Fundação de Cultura da Cidade do Recife, o núcleo foi responsável, dentre muitas outras atividades que visavam à promoção da cultura negra na cidade, pela organização do Carnaval durante as três gestões dos governos petistas. Este grupo de militantes históricos no movimento negro, como Lindivaldo Leite Júnior, diretor do núcleo, foi também o responsável por criar um polo de cultura afro no Pátio do Terço, onde se realiza a Noite dos Tambores Silenciosos, e por formatar a Abertura do Carnaval com o show dos maracatus-nação, evento que se repete desde o ano de 2002, no epicentro da festa de Momo, o Marco Zero, no momento de sua abertura.

O espetáculo, desde sua criação em 2002, até 2016, foi conduzido pelo percursionista Naná Vasconcelos, e congregava batuqueiros de várias nações de maracatu. É importante destacar que apenas os músicos participavam do espetáculo, não a corte na íntegra, aspecto este várias vezes ressaltado como uma crítica ao formato do evento. Regidos pela experiente batuta do músico, os maracatus abrem o Carnaval num show em que batuqueiros de diversas nações tocam juntos, ora acompanhando uma orquestra, ora artistas renomados. É verdadeiramente um espetáculo, contemplar em torno de quinhentos músicos tocando juntos, celebrando a cultura negra pernambucana. Não se pode deixar de reconhecer o evento como parte das políticas públicas de promoção da igualdade racial, e responsável em grande medida pelo orgulho e estima elevada que se percebe entre aqueles que fazem o maracatu-nação na atualidade. E indubitavelmente pelo sucesso que ainda fazem no Carnaval.

Em meio às ambiguidades que perpassam o processo de espetacularização da cultura popular no Bairro do Recife, não se pode deixar de reconhecer que o evento da Abertura do Carnaval foi pensado como uma estratégia de promover a visibilidade para a cultura negra na cidade, bem como obter reconhecimento e legitimidade para os grupos culturais que havia décadas lutavam por inserir na cena cultural recifense a cultura negra, considerada de matriz africana, como maracatus, afoxés, samba reggae e as escolas de samba. Poderíamos afirmar que foram exitosos? O evento fez, durante mais de uma década, inegável sucesso, trazendo para alguns grupos de maracatu-nação visibilidade e reconhecimento cultural. Assim como, durante a gestão petista, conseguiram angariar cachês mais elevados. Mas este constituía o ponto de tensão, pois o percentual pago aos grupos não se comparava ao que era pago a Naná Vasconcelos ou mesmo aos artistas que se apresentavam com os batuqueiros.

A Abertura do Carnaval Multicultural, durante seus primeiros anos, reuniu em torno de 11 grupos de maracatu-nação, entre 400 e 500 batuqueiros, que atuavam conjuntamente abaixo do palco. Neste se encontrava Naná Vasconcelos “conduzindo” os batuqueiros, e uma orquestra (sinfônica e/ou de frevo, dependendo do ano) ou algum grande artista nacional e internacional, como Caetano Veloso, Maria Betânia, e Stomp.⁵⁷

O show era precedido de uma série de ensaios com cada grupo, em sua sede, e com um número reduzido de maracatus nas sextas-feiras durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro na Rua da Moeda, onde se montava um palanque para que ocorresse o ensaio. Na semana

pré-carnavalesca, todos os grupos ensaiavam no Marco Zero. Na sexta-feira de Carnaval havia um grande cortejo da Rua da Moeda para o Marco Zero, enquanto no palco ocorriam apresentações de outras manifestações da cultura popular, como grupos de frevo, caboclinho e maracatu rural, aguardando a chegada dos maracatus-nação e a abertura oficial da festa, quando o prefeito da cidade entrega ao rei e rainha Momos a chave da cidade. Ao longo dos anos, este formato foi se modificando em alguns detalhes, com a presença de reis e rainhas dos maracatus nos palcos, ou de pais e mães de santo dos grupos, numa estratégia evidente do Núcleo de Cultura Afro-Brasileira de valorizar e tornar visível a cultura negra na cidade.

Para cada um desses ensaios os maracatus recebem um cachê, o que faz com que a participação na Abertura seja a apresentação que mais arrecada recursos financeiros para os grupos. A visibilidade e os recursos financeiros que a participação na Abertura oferecia aos maracatus fez com que a pressão para que novos grupos fossem agregados ao show aumentasse. Em 2010, ápice da Abertura, houve a participação de 17 grupos com cerca de 700 batuqueiros. A avaliação de Naná Vasconcelos e do Núcleo de Cultura Afro era a de que se necessitava diminuir a quantidade de batuqueiros, que não cabiam mais no espaço reservado a eles em frente ao palco, comprometendo a qualidade do espetáculo. Convencionou-se que participariam da Abertura apenas 10 grupos.

Nesse íterim, o sucesso dos maracatus-nação, dentre outros fatores, fez com que os grupos se organizassem em torno da Associação dos Maracatus-Nação de Pernambuco, AMANPE, que pressionou a prefeitura para que a redução do número de grupos na Abertura não

prejudicasse financeiramente os outros que ficariam de fora. Organizou-se então outro grande evento, que ocorreria no domingo da semana pré-carnavalesca, da Praça do Arsenal, Bairro do Recife. O evento foi denominado de Prévia da Noite dos Tambores Silenciosos, e dele participavam todos os maracatus nação que não estavam na Abertura, (outros 10 grupos).

Por outro lado, ao longo dos anos, o show foi objeto de discussões e controvérsias, marcando conflitos diversos e ambivalências que perpassam tanto a organização do Carnaval quanto as disputas internas entre os líderes dos maracatus, principalmente os mestres do batuque. A forma como o espetáculo foi organizado também sofreu muitas críticas, ao colocar tantos grupos que possuem identidades musicais diversas, para simplesmente fazerem um único toque ou o acompanhamento musical da orquestra sinfônica, corroborando para que os maracatus-nação assumissem uma posição coadjuvante no espetáculo.⁵⁸

Durante os anos de 2003 a 2012, em que acompanhei os maracatus-nação, em diversas atividades envolvendo a Abertura do Carnaval, especulava-se muito sobre quanto ganhariam os artistas que se apresentavam no palco, para poderem comparar com a subvenção que recebiam para participar do show. Bem como se criticou a escolha dos artistas nacionais que se apresentariam no palco, a exemplo de Marisa Monte e Milton Nascimento, que não tinham um repertório carnavalesco. A festa propriamente dita, para os maracatuzeiros, ocorre depois do show, pois cada batuque sai em desfile pelas ruas, arrastando seus admiradores ao som de seu sotaque percussivo. Este é o momento por excelência em que se podem perceber as disputas entre os grupos. As rivalidades são

expressas, principalmente durante a saída, por mais que a organização do evento tente transformar os batuques em um só.

Mas a formatação do show, todos tocando juntos, parecia cumprir o grande objetivo do espetáculo no Bairro do Recife: propiciar entretenimento num ambiente aparentemente sem conflitos ou tensões sociais. E consolidar a espetacularização do bairro e da cultura popular que nele se apresenta. Não há, no Carnaval ou qualquer outro período do ano, momento que se iguale ao show de Abertura, por sua magnitude e pelas disputas, culturais, políticas e simbólicas, que o evento tem suscitado. Desde que assumiu a gestão da Prefeitura da Cidade do Recife em 2013, o governo de Geraldo Júlio, do PSB, tem tentado modificar o formato da Abertura, retirando os maracatus-nação do espetáculo, sem muito sucesso. O cabedal cultural e simbólico acumulado pelos maracatus-nação, mesmo com a morte de Naná Vasconcelos em 2016, tem feito com que eles se mantenham como uma das grandes atrações do Carnaval recifense. Para a Abertura do Carnaval em 2018, a Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife anunciou a retirada dos maracatus do show, mas diante dos protestos dos grupos e da grita geral, houve novamente um silente recuo político: os maracatus-nação ficam! Mas, ao final, não ficaram. E a abertura do carnaval, pela primeira vez desde 2002, não contou com os maracatus-nação.

Considerações finais

O processo de enobrecimento do Bairro do Recife já dura quase duas décadas, de muitos percalços, mudanças, críticas e atropelos. Houve

momentos em que as atividades no bairro quase deixaram de existir, a exemplo do gradativo fechamento dos bares na Rua do Bom Jesus, no início dos anos 2000. Assim como períodos de festas e eventos que deram ao bairro uma dinâmica cultural e vivacidade que marcaram as feições do Recife Antigo. Nesse processo, o patrimônio cultural e as manifestações da cultura popular tiveram papel e lugar destacados, pois contribuíram para conjugar ao patrimônio edificado a cultura imaterial responsável pela retraditionalização do bairro, como apontado por Leite em diversos pontos deste artigo. Dentre essas manifestações, o maracatu-nação desempenhou importante função, ao figurar com destaque no show de Abertura do Carnaval, o espetáculo síntese desse processo aqui descrito.

Ao final, o que poderíamos concluir a respeito do Carnaval e sua relação com a gentrificação do Bairro do Recife, se buscamos demonstrar que a questão está imbricada em uma complexidade de outros debates e temas, que não podem ser reduzidos a alguns poucos aspectos? No entanto, mesmo diante da dificuldade em selecionar nessa complexidade quais seriam as questões mais importantes, para mim, uma delas se sobressai, ou seja, a relação das “culturas populares” com o mercado. Até que ponto são “populares” se observamos que alguns grupos hoje dependem dessa inserção na cena cultural para poderem sobreviver? Afinal, o que significa ser popular neste contexto? Até que ponto o rótulo cultura popular não é apenas a garantia de que a mercadoria se mantenha exótica?

Os anos em que acompanhei os grupos de maracatus permitiram participar de um rico debate, e muitos intelectuais ainda se preocupam com a possibilidade de que a cultura popular esteja sendo corrompida

pelo mercado. Os defensores de uma legítima e autêntica tradição afirmam que a cultura popular está sendo descaracterizada, correndo o risco de se ver corrompida para atender as demandas do mercado espetacularizado. Há também os que se preocupam com a apropriação cultural que vem ocorrendo com os maracatus-nação, pelos grupos de classe média que formam grupos percussivos ao redor do mundo, como se fosse uma prática de canibalização cultural.

Outro aspecto a ser observado refere-se à relação desses grupos com as políticas públicas. Vimos que os maracatus-nação, e todas as outras manifestações carnavalescas, dependem da subvenção governamental para poderem fazer o Carnaval. Não são autossustentáveis, e pouquíssimos geram renda própria. Sem a subvenção pública, talvez não houvesse Carnaval no Recife. Esta questão tem imbricações diretas com as políticas públicas do patrimônio imaterial, tanto no âmbito nacional, quanto local. O maracatu-nação foi reconhecido como patrimônio cultural do Brasil em 2016, aumentando ainda mais seu cabedal cultural e simbólico.⁵⁹ Uma das maiores preocupações das políticas de salvaguarda é criar condições de sustentabilidade para os bens culturais, o que não ocorre com as agremiações carnavalescas, inclusive o frevo. Em Pernambuco, os mestres declarados como Patrimônio Vivo e os bens que foram reconhecidos como patrimônio imaterial do Brasil e que possuem um plano de salvaguarda, ainda dependem majoritariamente dos poderes públicos para se manter.⁶⁰ Por outro lado, não se pode deixar de indagar, em que medida essas políticas públicas tem favorecido o contato e a inserção desses grupos de cultura popular no mercado cultural espetacularizado?

Contudo, até que ponto estas questões não estão sendo formuladas a partir de uma ótica excludente, fora do ponto de vista dos agentes da cultura popular, como se eles fossem vítimas de um monstro “mercado” e que precisariam ser protegidas em sua inocência e integridade? Como se essas pessoas não fossem capazes de se adequar às transformações e mudanças que a história impõe a todos. Por que pensamos de forma a essencializar a cultura popular, como se estas manifestações culturais não tivessem passado por transformações e tivessem se mantido tal qual eram num passado de ouro?

Diante de todas as questões levantadas tenho a convicção de que os grupos de cultura popular atuam no mercado de modo subalterno, não há dúvidas acerca deste ponto. O que não significa que não sejam, em muitas dimensões, protagonistas de suas ações, de suas artimanhas e trampolinagens que permitem que consigam margem de manobra em muitas circunstâncias adversas, e que garantam, não apenas a sobrevivência do grupo, mas a transformação e mudança necessárias para que continuem a significar usos e costumes, práticas e crenças para aqueles que a fazem.

Notas

* Professora do Departamento de História da UFPE. Possui doutorado em História pela UNICAMP e realizou estágio pós-doutoral na UFF. Atua no Programa de Pós-Graduação em História da UFPE e no Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, na UFPE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4636-1309>.

¹Arrastão, correria e disparos de arma de fogo assustam visitantes no Recife Antigo. **Folha de Pernambuco**. Publicado em 11/01/2015 às 21:47. <http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/cotidiano/policia/arqs/2015/01/0022.html>. Acesso em 22/11/2017; Briga, tiros e muita correria em arrastão no bairro do Recife Antigo. **TV Jornal**. Publicado em 12.01.2015, às 13:20.

<http://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticia/ultimas/2015/01/12/briga-tiros-e-muita-correria-em-arra tao-no-bairro-do-recife-antigo-17450.php>. Acesso em 22/11/2017.

² PM e Prefeitura não veem falha na segurança do Carnaval, **G1**. 10/02/2016. <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2016/noticia/2016/02/recife-registra-tumultos-no-carnaval-pm-nao-ve-falhas-no-policimento.html> acesso em 22/11/2017; Nação Zumbi, Jota Quest e O Rappa arrastam multidão ao Marco Zero. **Jornal do Commercio** (JC online) 09/02/2016. <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/jc-na-fofia/noticia/2016/02/09/nacao-zumbi-jota-quest-e-o-rappa-arrastam-multidao-ao-marco-zero-220396.php> , acesso em 22/11/2017.

³ Imagens mostram consumo de drogas e brigas no Recife Antigo. **Jornal Nacional**. Edição do dia 12/12/2014. <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/imagens-mostram-consumo-de-drogas-e-brigas-no-recife-antigo.html> acesso em 22/11/2017.

⁴Violência no Bairro do Recife. **Jornal do Commercio**. Voz do leitor: Abraão Fatorri. <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/voz-do-leitor/envie-sua-contribuicao/noticia/2015/01/05/violencia-no-bairro-do-recife-163067.php>. Acesso em 22/11/2017.

⁵ Flanelinhas do Bairro do Recife começam a ser cadastrados na segunda-feira. **Jornal do Commercio**. Publicado em 11/12/2014, às 17h12. <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/12/11/flanelinhas-do-bairro-do-recife-comecam-a-ser-cadastrados-na-segunda-feira-160161.php>. Acesso em 22/11/2017.

Flanelinhas começam a ser monitorados no Bairro do Recife. **Diario de Pernambuco**. Publicado em 11/01/2015 11:00. http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/01/11/interna_vidaurbana,553907/flanelinhas-comecam-a-ser-monitorados-no-bairro-do-recife.shtml. Acesso em 22/11/2017.

Pedestre será revistado, com detector de metais, no acesso ao Bairro do Recife. **Diario de Pernambuco**. Publicado em 06/01/2015 às 20:15. http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/01/06/interna_vidaurbana,553127/pedestre-sera-revistado-com-detector-de-metais-no-acesso-ao-bairro-do-recife.shtml. Acesso em 22/11/2017

⁶ Barulho e eventos com ruas fechadas atrapalham moradia no Recife Antigo, diz arquiteto. **Jornal do Commercio**. Publicado em 11/01/2015 às 08:32. <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/01/11/barulho-e-eventos-com-ruas-fechadas-atrapalham-moradia-no-recife-antigo-diz-arquiteto-163640.php>. Acesso em 22/11/2017.

⁷ Prefeitura anuncia ordenamento no Bairro do Recife, após o Carnaval. **Jornal do Commercio**. Publicado em 11/01/2015, às 08h31. <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/01/11/prefeitura-anuncia-ordenamento-no-bairro-do-recife-apos-o-carnaval-163639.php>. Acesso em 22/11/2017.

⁸ Inauguração de ciclofaixa atrai centenas de recifenses no domingo de sol. **Prefeitura da Cidade do Recife**. Publicado em 24/03/2013

<http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/24/03/2013/inauguracao-de-ciclofaixa-atracentenas-de-ricifenses-no-domingo-de-sol>. Acesso em 22/11/2017.

⁹ Inaugurados Armazéns do Porto, no Bairro do Recife. **Diário de Pernambuco**, 14/01/2015 22:50 http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/01/14/interna_vidaurbana,554865/inaugurados-armazens-do-porto-no-bairro-do-recife.shtml Acesso em 22/11/2017.

¹⁰ Sobre o Porto Digital ver: <http://www.portodigital.org/parque/historia>. Acesso em 14/12/2017.

¹¹ Ver: <http://www.pacodofrevo.org.br/> Acesso em 22/11/2017.

¹² Ver: <http://www.caisdosertao.org.br/> Acesso em 22/11/2017.

¹³ Centro Cultural Correios – Recife. Ver: <https://www.correios.com.br/sobre-correios/educacao-e-cultura/centros-e-espacos-culturais-dos-correios/centro-cultural-recife> acesso em 22/11/2017; Caixa Cultural – Recife. Ver: <http://www.caixacultural.gov.br/SitePages/unidade-home.aspx?uid=5> Acesso em 22/11/2017.

¹⁴ LACERDA, N. Intervenções no Bairro do Recife e seu entorno: indagações sobre sua legitimidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n.03, pp. 621-646, set/dez.2007.

¹⁵ Palavras do empresário Eduardo Lemos Filho na reportagem de Cleide Alves, Bairro do Recife ganha novos empreendimentos. *Jornal do Commercio*, 11/01/2015. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/01/11/bairro-do-recife-ganha-novos-empreendimentos-e-pede-mais-infraestrutura-163638.php>. Acesso em 22/11/2017.

¹⁶ CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008; YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**. Usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

¹⁷ Sobre o debate ver: ABREU, M. Cultura popular: um conceito e várias histórias. **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. pp. 83-102, 2003; ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **"O morto vestido para um ato inaugural"**: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013; ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, Casa de Artes e Livros, 2013.

¹⁸ CANCLINI, N. G. A encenação do popular In: **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 221.

¹⁹ CARVALHO, J. J. de. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América Latina. **Anthropologicas**. Recife, ano 14, vol. 21, pp. 39-76, 2010.

²⁰ Sobre a questão da subalternidade, e da cultura popular em seus vários sentidos, ver: CHAKRABARTY, D. **Habitations of modernity**. Essays in the Wake of subaltern studies. Chicago: University of Chicago Press, 2002; BEVERLEY, J. **Subalternidad y representación**. Madrid: Iberoamericana, 2004; SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. CARVALHO, J. J. de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. **Horizonte antropológico**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, pp. 107-147, 2001.

²¹ GUILLEN, I. C. M. Maracatus-nação, uma história entre a tradição e o espetáculo. In: **Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife: EdUFPE, 2008.

²² GUILLEN, I. C. M.; SILVA, A. N. da (org.). **Tempos de Folia. Estudos sobre o Carnaval no Recife**. Recife: Editora Massangana, 2018.

²³ SCHECHNER, R. **Performance Theory**. New York: Routledge, 2003; TURNER, V. **The Anthropology of performance**. New York: PAJ Publication, 1988.

²⁴ A respeito dos maracatus-nação na atualidade e seu caráter performático, ver: GUILLEN, I. C. M. (org.). **Inventário cultural dos maracatus nação**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

²⁵ LIMA, I. M. de F. Práticas e representações em choque: o lugar social dos maracatus na cidade do Recife, nos anos de 1890-1930. In: LIMA, I. M. de F.; GUILLEN, I. C. M. **Cultura afrodescendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós**. Recife: Edições Bagaço, 2007.

²⁶ GUILLEN, I. C. M. Maracatus Nação, história e historiografia. In: Inventário cultural dos maracatus nação. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

²⁷ LIMA, I. M. de F. **Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos**. Recife: Bagaço, 2012.

²⁸ GUILLEN, I. C. M.; FRANÇA LIMA, I. M. de. Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990). **Saeculum – Revista de História**, n. 14, 2006.

²⁹ A respeito das escolas de samba no Recife ver: SILVA, A. N. da. **"Quem gosta de samba, bom pernambucano, não é?" 1955-1972**. Dissertação de mestrado em História na UFPE, Recife, 2011; SILVA, A. N. da. **"Fazendo mesura na ponta dos pés": Carnaval e políticas públicas de cultura no Recife nas décadas de 1970-190**. Tese de doutorado em História na UFF, Rio de Janeiro, 2017.

³⁰ Último ensaio antes da abertura do Carnaval do Recife agita o Marco. **Folha PE**, 22/02/2017.

Zerohttp://www.folhape.com.br/noticias/noticias/carnaval/2017/02/22/NWS,19012,70,557,NOTICIAS,2190-ULTIMO-ENSAIO-ANTES-ABERTURA-CARNAVAL-RECIFE-AGITA-MARCO-ZERO.aspx. Acessado em 22/11/2017. Homenagem a Naná Vasconcelos abre o carnaval do Recife. **O Globo**. 24/02/2017. <https://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2017/noticia/homenagem-a-nana-vasconcelos-abre-o-carnaval-do-recife.ghtml>. Acessado em 22/11/2017.

³¹ LUBAMBO, K. W. **O Bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

³² Idem.

³³ MONTENEGRO, A. T.; COSTA SALES, I. da; COIMBRA, S. R. Bairro do Recife, porto de muitas histórias. **Memória em Movimento**, Recife: s/e, 1989.

³⁴ Um dado importante a se considerar, quando se descreve as feições históricas do bairro, é a existência de uma pequena comunidade de moradores, formada em meados da década de 1950, e que abrigava os trabalhadores das fábricas Pilar e dos Moinhos Recife, além de portuários, prostitutas e pessoas diversas que buscavam um local de moradia no centro da cidade. Esta comunidade é conhecida hoje como Favela do Rato, e tem sido invisibilizada em todo o processo de revitalização do bairro. Ver: NERY, N. S.;

CASTILHO, C. J. M. de. Comunidade do Pilar e a revitalização do bairro do Recife. Possibilidades de inclusão socioespacial dos moradores ou gentrificação. **Revista Hum@nae**, v. 3, n. 1, 2012; LEITE, R. P. Patrimônio e enobrecimento no Bairro do Recife. **Revista CPC**, n. 2, pp. 17-30, 2006.

³⁵ Para o projeto de revitalização do Bairro do Recife, e a complexidade de discussões decorrentes do processo, ver: LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade**. Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp; Aracaju: Editora UFS, 2004. O autor sintetiza nesta obra uma vasta e complexa discussão teórica sobre espaços públicos, lugares, patrimônio e processos de enobrecimento que envolveram o bairro. Sobre a questão, ver também: HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2001; GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

³⁶ LOWENTHAL, D. **The heritage crusade and the spoil of history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. Ver também: LOWENTHAL, D. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Sobre o estreitamento dessa relação entre passado, presente e futuro no momento atual, que denominamos de presentismo, ver: HARTOG, F. **Regimes de Historicidade**. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013; KOSELLECK, R. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora PUC – Rio, 2006.

³⁷ ZANCHETTI, S. M.; MARINHO, G.; LACERDA, N. **Revitalização do Bairro do Recife**: plano, regulação e avaliação. Recife: Editora Universitária UFPE, 1998; LACERDA, N. Intervenções no bairro do Recife e no seu entorno: indagações sobre a sua legitimidade. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 3, 2007; ZANCHETTI, S. M.; LACERDA, N. A revitalização de áreas históricas como estratégia de desenvolvimento local: avaliação do caso do Bairro do Recife. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 30, n. 1, pp. 8-24, 1999.

³⁸ Para a discussão sobre a dimensão econômica do patrimônio cultural ver: VARINE, H. de. **As raízes do futuro**. O patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

³⁹ No Brasil, o caso mais conhecido e estudado é o do Pelourinho, na cidade de Salvador, Bahia. Ver: ZANIRATO, S. H. A restauração do pelourinho no Centro Histórico de Salvador, Bahia, Brasil. Potencialidades, limites e dilemas da conservação de áreas degradadas. História, cultura e cidade. **Historia Actual Online**, n. 14, pp. 35-47, 2009; URIARTE, U. M. Por trás das fachadas coloridas. Etnografias nos “novos” Bairro do Recife (Pernambuco) e Pelourinho (Bahia). **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 7, 2010.

⁴⁰ LEITE, R. P. Patrimônio e enobrecimento no Bairro do Recife. **Revista CPC**, São Paulo, v. 01, n. 02, pp. 17-30, mai/out 2006.

⁴¹ LEITE, R. P. Políticas urbanas de patrimonialização e contrarrevanchismo: o Recife Antigo e a zona histórica da cidade do Porto. **Cadernos MetrÓpole**, 21, pp. 93-104, 2009, p. 98.

⁴² Sobre a cultura imaterial em Pernambuco, principalmente as manifestações da cultura popular, ver: GUILLEN, I. C. M. (org.). **Tradições e Traduções**: a cultura imaterial em Pernambuco. Recife: EdUFPE, 2008.

⁴³ LEITE, R. P. op. cit..

⁴⁴ Sobre a aura que recobre o patrimônio cultural ver: GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

⁴⁵ LEITE, R. P. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 72, pp. 73-175, 2010.

⁴⁶ Sobre patrimônio e políticas pública, nas quais se imbricam discussões sobre cidadania, ver: FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R; CHAGAS, M. (orgs.) **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; ARANTES, A. A. (org.). **Produzindo o passado**: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984; MENESES, U. T. B. O patrimônio cultural entre o público e o privado. In: CUNHA, M. C. P. da (org.) **O direito à Memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal da Cultura, 1992; SANTOS, C. R. dos. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, pp. 43-48, 2001

⁴⁷ GHIONE, R. Manifestações carnavalescas em prol da consciência urbana. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.175/5424>. Acessado em 01/05/2015. O leitor encontrará neste artigo fotografias de autoria de Leonardo Cisneiros mostrando o bloco no Marco Zero.

⁴⁸ CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁴⁹ LEITE, R. P. op. cit, pp. 232-233.

⁵⁰ CANCLINI, N. G. 2008, op. cit..

⁵¹ Sobre o uso de cavaletes e seguranças que delimitavam um território seguro para os consumidores do bairro ver em especial o capítulo Usos e contra-usos. A construção socioespacial da diferença, em: LEITE, R. P. op. cit..

⁵² Sobre o conceito de agente cultural ver CERTEAU, M. de. **Cultura no Plural**. Campinas: Papius, 1995.

⁵³ BARROS, J. M. (org.). **Diversidade Cultural**. Da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008; BARROS, J. M. (org.). **As mediações da cultura**: arte, processo e cidadania. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009.

⁵⁴ GAIÃO, B. F. da S.; LEÃO, A. L. M. de S. Muitas festas numa só: a configuração do campo do Carnaval do Recife. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 64, 2013.

⁵⁵ GAIAO, B. F. da S.; LEAO, A. L. M. de S.; MELLO, S. C. B. de. A teoria do discurso do Carnaval Multicultural do Recife: uma análise da festa carnavalesca de Recife à luz da teoria de Laclau e Mouffe. **Revista de Administração do Mackenzie**. São Paulo, Nov/dez de 2014, pp. 149-171.

⁵⁶ DA SILVA, M. A. G. Encontros e desencontros de um movimento negro. Brasília: Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, 1994; LIMA, I. M. de F. **Entre Pernambuco e África. História dos Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)**. Tese de doutorado em História, UFF, Rio de Janeiro, 2010.

⁵⁷ Apresentaram-se no show de Abertura do Carnaval do Recife, juntamente com os batuqueiros dos maracatus-nação: Orquestra Sinfônica do Recife; Nação Zumbi e

Mundo Livre S/A; Maria Betânia; Marisa Monte; Elza Soares; Lia de Itamaracá; Caetano Veloso; Spok Frevo Orquestra; Orquestra do Maestro Duda; Orquestra Popular da Bomba do Hemetério, Stomp; Angélique Kidjo; Milton Nascimento; Marcelo D2; Zé Brown e Fafá de Belém.

⁵⁸Cada grupo de maracatu-nação tem uma identidade musical própria, um “toque” próprio, facilmente reconhecido pelos membros dos grupos, e que são conhecidos como sotaques. Assim, o Estrela Brilhante do Recife toca de uma forma que qualquer batuqueiro consegue reconhecer e diferenciar, por exemplo, de seu maior rival, o Porto Rico. Durante o show de Abertura do Carnaval, todos os grupos tocavam uma convenção, que ficou conhecida como o toque de Naná. Esta foi a maneira encontrada para que os grupos pudessem tocar juntos sem que as rivalidades entre os mesmos sobrepujassem o show (e redundassem em brigas entre os batuqueiros de grupos rivais, por exemplo).

⁵⁹ DOSSIÊ DO MARACATU-NAÇÃO: Inventário Nacional De Referências Culturais – INRC do Maracatu-Nação. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em 22/11/2017.

⁶⁰ GUILLEN, I. C. M. G. Patrimônio e história: reflexões sobre o papel do historiador. **Diálogos**, Maringá, v. 18, pp. 637-660, 2014.